

Resenha

Book review

O Maquinário da Conversação

Maria de Lourdes Bacha

Universidade Mackenzie / UNIFIEO, SP

mlbacha@ig.com.br

FREADMAN, A. *The Machinery of Talk: Charles Peirce and the Sign Hypothesis*. Stanford: Stanford University Press, 2004. 311 p.

O título do livro – *Machinery of Talk: Charles Peirce and the Sign Hypothesis* – é bastante instigante e, ao apresentar uma análise genealógica dos escritos peircianos sobre signo, a autora não decepciona, embora exija do leitor um conhecimento anterior e profundo sobre o assunto.

O livro é oferecido como uma contribuição à semiótica e pretende responder às seguintes questões: para que serve a hipótese sígnica? Quais são as tarefas da semiótica e como ela as cumpre?

Segundo a autora, a hipótese sígnica seria pressuposição indispensável para “estar no mundo” e interagir com ele. Parte do argumento do livro refere-se às mudanças sofridas pela classificação dos signos após 1903, correspondendo a um período compreendido entre as Conferências de Harvard do Pragmatismo, as Conferências de Lowell e a correspondência com Lady Welby. As reflexões de Peirce sobre a hipótese sígnica evidenciam as modificações sofridas ao longo do tempo com o desenvolvimento de seu projeto arquetônico.

O livro *The Machinery of Talk* foi dividido em três partes, além da Introdução, Conclusão e Epílogo. A Parte Um se denomina “Thought and its Instruments”, a Parte Dois foi chamada de “Things and Events” e a Parte Três tem o nome de “My Whole Theory”. Cada parte é dividida em dois capítulos.

O primeiro capítulo, “1876-1885”, explica como a hipóteses sígnica é adaptada de um papel explicativo, na avaliação peirciana, na cognição para um papel descritivo na explicação da lógica funcional de seu sistema notacional. Segundo a autora, a primeira formulação da hipótese sígnica ocorreu no texto “On a New List of Categories” (CP 1.545-67 ou W2: 4 [1867]), no qual o termo “representação” é considerado a solução para o problema dos universais. Nesse texto, Peirce reinterpreta Kant, transformando sua “crítica da razão” em “crítica da representação”.

Considerando que a natureza empírica do conhecimento pode ser generalizada como representação, então quais seriam as condições formais e necessárias da representação? A resposta peirciana está na sua concepção de signo, para a qual a descoberta dos

três níveis de comparação (qualidade, oposição e imputação de algum caráter) vai-se constituir na base da divisão sógnica.

No entanto, essa posição muda significativamente em resenha de *The Religious Aspect of Philosophy* de Josiah Royce (CP 8.39-54 [1885]), que clarifica a conexão entre falibilismo e signo, com a introdução dos ícones e índices. Nessa época, Peirce estava desenvolvendo seu pragmatismo com a introdução de uma estrutura triádica dinâmica, não mais um pensamento particular num determinado momento, mas um desenvolvimento em direção à verdade, à qual se chegará a longo prazo, num esforço conjunto de diferentes pessoas. Em “On the Algebra of Logic” (CP 3.154-97), relaciona os quantificadores com índices, além de utilizar, pela primeira vez, os ícones na análise da função diagramática da sintaxe notacional. Os índices permitem a Peirce diferenciar o signo de outras relações triádicas, e o ícone será o princípio de tradução para outras linguagens. Para a autora, esse período corresponde aos trabalhos mais criativos de Peirce para a lógica.

O segundo capítulo, “A Vagabond Sign”, mostra o retorno de Peirce às questões filosóficas e corresponde ao período 1897-8, no qual Freadman analisa a junção de duas linhas do trabalho de Peirce, o pragmatismo e a lógica. O nome do capítulo mostra as idas e vindas de Peirce, no desenvolvimento de suas teorias. Se o pragmatismo tem que ver com “conversação”, então Peirce necessita de uma lógica adequada para essa tarefa. Os estudiosos de Peirce andam, falam, cometem e corrigem erros; assim, a metáfora do “vagabond” é a própria figura da semiose, sendo usada para descrever relativos e continuidade. Daí decorre a hipótese sógnica, numa tentativa de Peirce de formalizar a unidade da conversação por meio da semiose.

Segundo a autora, um dos trabalhos que melhor resume essa época é a resenha de Schöder (CP 3.425-55, CP 2.232-3 e CP 3.456-552), da qual um dos aspectos mais significativos seria a retomada da cartografia das ciências, com ênfase na matemática, na lógica e na filosofia e na respectiva designação de seus objetos. A resenha de Schöder pode ser vista como uma continuação dos textos da cognição e dos trabalhos sobre a lógica da ciência. Uma das objeções de Peirce se refere à linguagem da matemática, que seria tão especializada, tornando-se incapaz de formular o tipo de generalidade a que Schöder aspira, ao buscar formulas gerais, no que Peirce não vê “virtude alguma”. A princípio se poderia pensar que a disputa entre Schöder e Peirce seja meramente uma disputa entre duas formas de notação, no entanto, na visão de Peirce, a álgebra confina a investigação, enquanto a opção topológica trabalha com material fornecido pela “conversação familiar”, nos gráficos existenciais. Assim, paralelamente à sua crítica ao formalismo lógico, há uma diferença de paradigma contido na visão da lógica como semiótica. Para a autora, na lógica formal, Peirce usa a hipótese sógnica para descrever as propriedades dos signos reais em ambientes reais. Por outro lado, deve-se enfatizar o relacionamento entre as ciências e como algumas delas funcionam como fundação para as outras, principalmente a matemática, a filosofia e a lógica. Na visão da autora, a matemática representaria o sonho de certa transcendência platônica, uma linguagem cujos interpretantes não excedem suas regras, e o signo seria típico da linguagem lógico-matemática, enquanto o termo representação seria próprio da linguagem tradicional da filosofia.

O terceiro capítulo se chama “Around 1903”. Nele, Freadman enfatiza e compara as Conferências de Harvard do Pragmatismo e as Conferências de Lowell, trabalhos de 1903, nos quais Peirce (embora haja diferenças significativas entre eles) faz algumas revisões na sua teoria dos signos. As primeiras constituem uma contribuição à metafísica

pragmática, e as segundas oferecem contribuições para a lógica. Nas Conferências de Harvard, sob a ótica do pragmatismo, há necessidade de se trabalhar mais com asserções do que com a estrutura abstrata das proposições da lógica. Nesse capítulo, Freadman enfatiza a classificação dos signos, que vai ser ampliada no texto “Ten classes” (EP2: 21 ou CP 2.264), de 1903, com a introdução dos termos qualisigno, sinsigno, legisigno, com as combinações remático, indexical e icônico. Assim, o que se conclui é que o trabalho de Peirce sobre signos não seria apenas uma teoria especulativa, mas teria um propósito preciso na filosofia e lógica.

O nome do quarto capítulo é “Traveler, Stay Awhile”. Nele a autora se concentra na análise da importância dos índices na obra de Peirce. Considerando que todos os signos têm algo de “errante”, a tarefa de determiná-los é exercida pelo índice, que transforma qualidades e relações em questões de fato. O índice é a força que leva a atenção para a realidade concreta, estabelecendo a relação aqui-agora. Mas Peirce ainda vai mais longe, afirmando que mesmo a matemática e também os sonhos fazem uso dos índices. Fixação e individualização são funções características dos índices. Segundo a autora, enquanto os ícones se referem ao futuro, a indexicalidade (o ponto) se refere ao pretérito. O índice opera por contigüidade e por compulsão cega, “ele conecta a apreensão à coisa” (CP 2.287).

“1904-1909” é o título do quinto capítulo. Nesse capítulo, a autora discute alguns textos referentes ao período 1904-9, que provêm de várias fontes, por exemplo: “New Elements” (EP 2:22), “Ideas Stray or Stolen on the Rhetoric of Science” (EP 2: 23), de 1904, alguns artigos para o *The Monist* e a correspondência com Lady Welby. Os três primeiros pressupõem que o leitor deve ser convencido da importância da semiótica, ao passo que na correspondência com Lady Welby isso já é tido como estabelecido. Peirce chega a afirmar nessa correspondência que já teria pronta toda sua teoria “my whole theory”, enfatizando que a função do signo é tornar eficiente uma relação ineficiente, como também que o maior grau de realidade somente é alcançado por meio dos signos (CP 8.327 [1904]), o que se tornará a base de sua classificação *sígnica*, que mostra como o signo age para produzir conseqüências reais. Também fruto dos trabalhos desse período é a distinção entre objeto dinâmico e imediato, de modo a fazer a mediação entre mundo externo e mundo interno, como também a teoria dos interpretantes. Na visão de Freadman, esse período constitui uma tentativa de sintetizar um material extremamente heterogêneo e organizá-lo em um único espaço conceitual.

O sexto capítulo denomina-se “The Ways of Semiosis” e busca responder se a semiose é infinita ou não. Para tanto, a autora traz a opinião de vários outros comentadores. Seu trabalho dá ênfase ao papel dos interpretantes, principalmente do interpretante final e da verdade na investigação. Todo signo é incompleto, e dado que o interpretante também é um signo, então está sujeito à mesma condição; temos um signo sobrepondo-se a outro signo, e isso se repete *ad infinitum* (CP 2.94, 2.303). A semiose seria a mudança dinâmica que opera entre a orientação para o passado e a orientação para o futuro, e os modos de semiose são heterogêneos. A autora sugere uma correlação entre três tipos de mecanismos de semiose e os três tipos de signos. O índice seria o princípio da segunda intencionalidade, por meio do qual as coisas do mundo são abertas para a semiose; o ícone seria o princípio de translação, segundo o qual os signos seriam transformados em outros signos, com o objetivo de revelar suas propriedades, e o símbolo seria o princípio do argumento, por meio do qual, apesar das surpresas, desapontamentos de disputas, os homens podem eventualmente chegar a um consenso.

Na conclusão, denominada “The Machinery of Talk”, Fredman faz a síntese dos seus argumentos explicando que quando Peirce descreve casos reais de semiose, a ocorrência do signo e seus interpretantes deve ser especificada, e particularmente naquelas ocasiões em que ele trabalha com operações de investigação; tudo isso envolve pessoas em conversação – corpos, coisas do mundo, o local da experiência, sem o que não haveria ação. Tudo isso constitui a maquinaria da fala, relacionando hipótese sógnica, semiose e pragmatismo.

O Epílogo enfatiza a correspondência (conversação) entre Peirce e Lady Welby e resume os principais pontos discutidos no livro.

Finalmente, pode-se dizer que o grande mérito da obra é submeter alguns temas da obra de Peirce a uma reflexão mais ampla. Dessa reflexão emerge também a riqueza de possibilidades de semiose, “um caminho sem volta”. Além disso, a autora, mesmo quando defende alguns pontos polêmicos, ela o faz bem fundamentada na obra de Peirce.